

FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS: O QUE ENUNCIAM OS CODAS SOBRE A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

Linguistics frontiers: what does Codas enunciate about identity formation

Ricardo E. Sander¹

Sandra Eli S. O. Martins²

RESUMO

O artigo aponta as possibilidades de compreensão da natureza identitária bilíngue dos filhos ouvintes de pais surdos (Codas), que se constituem por situações discursivas híbridas de linguagem – língua de sinais e língua oral. Por serem ouvintes imersos em contextos dialógicos diferentes, o texto discorre sobre quando e como os Codas se reconhecem sujeitos bilíngues. Instiga-se compreender o processo de apropriação de duas línguas de modalidades linguísticas e de prestígio não equivalentes, admitindo que os seres são inacabados e, portanto, livres para experimentar

ABSTRACT

This essay points out the possibilities of understanding the bilingual identity nature of hearing children of deaf adults (Codas), which are constituted by hybrid discursive situations of language – sign language and oral language. Because they are hearing immersed in different dialogical contexts, the text discusses when and how Codas recognize themselves as bilingual subjects. It is expected to understand the appropriation process of

¹ Universidade Estadual Paulista – UNESP/SP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Departamento de Educação, Campus Marília, Marília, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6004-7615>. ricsander@gmail.com.

² Universidade Estadual Paulista – UNESP/SP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Departamento de Educação, Campus Marília, Marília, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-4247-1447>. sandra.sarotoreto@gmail.com.

a língua do outro e tudo o que ela carrega e provoca neles. A visão de alteridade assume o papel de destaque na formação constitutiva do eu e do outro, ao passo que alarga fronteiras para que os Codas se identifiquem tanto com a cultura surda quanto também com a ouvinte, num caleidoscópio de sentidos únicos.

two non-equivalent linguistic and prestige languages, admitting that beings are unfinished and therefore free to experience the language of the other and all it carries and causes in them. The view of otherness assumes the prominent role in the constitutive formation of the self and of the other, while it widens boundaries so that Codas identify themselves with the deaf and also hearing cultures in a kaleidoscope of unique senses.

PALAVRAS-CHAVE

Codas; Identities; Língua de sinais; Bilíngues.

KEYWORDS

Codas; Identities; Sign language; Bilingual.

Apresentação

O desejo da escrita do presente artigo deriva da leitura das memórias de Paul Preston (1994) – Coda³ –, que afirma não se lembrar, na primeira infância, se era surdo ou ouvinte, na medida em que compreendia visivelmente tudo à sua volta por meio da língua de sinais, a qual utilizava com seus pais surdos.

Essas ponderações nos levaram a discorrer sobre *como e quando* os Codas concebem os processos de desenvolvimento da linguagem e da sua constituição como sujeitos bilíngues vivenciados na primeira infância e, posteriormente, na formação escolar, posto que, na escola, se ampliam as possibilidades discursivas em relação às interações do núcleo familiar.

O texto ancora-se em trechos de narrativas de quatro Codas (PRESTON, 1994; NAPIER, 2008; SOUZA, 2014; QUADROS, 2017), sendo dois estrangeiros e dois brasileiros, os quais apresentam vivências da constituição identitária com seus pais surdos e das interações em língua oral no contexto familiar e/ou com outras pessoas ouvintes.

³ CODA – Children of Deaf Adults. Há uma organização internacional chamada *Coda International*, que surgiu nos anos 1980 com o objetivo de ajudar os filhos ouvintes de pais surdos a entenderem melhor a condição de serem ouvintes, pois crescem bilíngues e biculturais. Disponível em: <<https://www.coda-international.org>>.

Para responder aos propósitos deste texto, centralizaremos o papel da linguagem no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, para as quais as mediações do homem com outros homens desempenham papel fundamental na constituição da consciência humana, defendidas por Vygotsky (2001). Esse autor afirma que no contato com o mundo, por meio da interação com o adulto ou com os outros mais experientes, aprendemos e, conseqüentemente, nos desenvolvemos. Nesse processo, defende que o outro assume lugar de destaque através de mediações dialógicas, envolvendo a apropriação tanto do conhecimento objetivado nos instrumentos físicos e na forma de atuação com eles como dos instrumentos simbólicos culturais, ou seja, da cultura produzida historicamente pela humanidade.

Aliadas a essas ponderações, incluiremos a análise das categorias de compreensão de língua e de identidade – alinhadas aos fundamentos de Bakhtin [Volochínov] (2014) –, para quem a formação da consciência de cada sujeito decorre de outras vozes que o constituem como ser humano, pela alteridade. Portanto, assumiremos que a consciência terá papel de destaque na formação das funções psicológicas superiores que ocorrem pelas interações do outro com seus pares, em situações cotidianas mediadas pela linguagem, lócus das reflexões sobre os processos de constituição da linguagem e de formação identitária dos Cudas referenciadas neste estudo.

1. Discutindo o que é identidade

O texto foi construído mediante pesquisa bibliográfica de autores contemporâneos nacionais e internacionais, como Silva (2000), Bauman (2005, 2015) e Maturana e Rezepka (2003). Não convém limitar o entendimento da temática identidade com base em construções de traços distintivos de oposição binária que nos definem como “sou isso porque não sou aquilo”, ou seja: “sou alemão porque não sou francês”; sou “branco porque “não sou preto”. Tais características de distinção oposicionistas respaldam concepções que enfatizam a coincidência de aspectos do funcionamento das características humanas, como nacionalidade, traços físicos, comportamentais, culturais etc.

Geraldi (2015), ao criticar essa visão, alerta para designações que usamos como “uma camisa de força em nome da liberdade” para nos identificarmos (GERALDI, 2015, p.153). Muitas vezes sentimo-nos pressionados a seguir os demais – os mais animados, a fim de não enfrentarmos ou criarmos conflitos.

Embora seja possível reconhecer tal posição, temos que nos abrir para o reconhecimento de identidades múltiplas, no sentido de que somos constituídos por diversas identidades, apesar de, às vezes, nos sentirmos pressionados para nos adaptar de acordo com “[...] as identidades que conformem grupos consumidores: étnicos, etários, de gênero, profissionais, doutrinários, etc”. Entre as análises da constituição de identidades múltiplas, destacam-se os estudos de Silva (2000).

Nas palavras do autor, somos constituídos por diferentes aspectos com os quais nos identificamos. Vale ressaltar que as diferenças e identidades se apresentam no plural, de modo que umas ajudam a explicar as outras, ou seja, umas ajudam a entender as outras, umas dependem das outras. Silva (2000, p. 73) acrescenta que as “[...] afirmações sobre a diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade”. Um mesmo prato culinário, por exemplo, pode identificar determinadas pessoas que o apreciam, apesar de serem de países diferentes. Em outra situação, a dor identifica e une outras pessoas, já que sentem as mesmas sensações e se agrupam para tratá-las, sentindo-se próximas por isso. Há, ainda, outras pessoas que se encontram para estudar um determinado teórico que congrega os que querem compreendê-lo.

Como podemos perceber, há diferentes construções e variadas possibilidades de nos identificarmos ou não com as pessoas. Mesmo que não as conheçamos, um item em comum, um mesmo aspecto ou uma mesma visão são pontos com os quais podemos construir uma identidade com as pessoas com quem partilhamos pontos de vista. Também há identidade que se fundamenta em um significado comum entre as pessoas; existe, da mesma forma, identidade cuja formação se fundamenta em vários significados, em pontos de vista ou em outros itens que podem provocar aproximações. Isso significa dizer que há coisas em comum que aproximam um ser humano a outro, ou seja, um mesmo tema, um mesmo símbolo, um mesmo produto, um mesmo objeto, por exemplo, oportunizam trocas e diálogos entre os sujeitos que se identificam.

O renomado teórico da sociologia e da filosofia – o polonês Zygmunt Bauman (2015), define identidade

[...] pelo pertencimento de um indivíduo a uma dada comunidade, sob a condição deste indivíduo dotar de características específicas prescritas pela comunidade, dentre as quais hábitos, comportamentos, valores, sentimentos, ações, ideias, preferências, ascendência, fenótipos.

Como exemplo, podemos citar uma música, uma banda ou mesmo milhares de canais virtuais com os quais convivemos na atualidade. Há músicas, bandas e artistas capazes de fazer com que as pessoas se sintam pertencentes, formando grupos de fãs de determinados gêneros musicais, fortalecendo itens da identidade que os constituem. O mesmo fenômeno pode ser observado entre os fãs de times de futebol e de outros esportes; são milhares de seguidores de times que, por razões diversas, se identificam com um determinado grupo esportivo que se torna um aspecto em comum para aqueles torcedores.

Sentir-se pertencente a um grupo ou compartilhar um mesmo item ou produto com outro grupo faz o ser humano sentir-se bem, realizado e satisfeito. Por isso, ele divide, aproxima-se, dialoga, interage e se agrupa. O agrupamento é uma necessidade humana.

A vida não é um processo estanque e imóvel, ela é um movimento e está sempre em contínua mudança, evolução e alvoroço. As identidades também estão em movimento, em encontros e em desencontros. Quando existe afinidade, há, igualmente, identidade e encontros. Bauman (2011) denomina o fenômeno que marca as relações sociais efêmeras, na pós-contemporaneidade, de sociedade líquida, na qual nada é feito para durar. Vale mais o temporário, já que as formas não duram por muito tempo; o sólido já não é mais sólido, mas fluido, líquido. Somos o que temos hoje; amanhã, teremos outros produtos e objetos aos quais daremos valor justamente porque eles também são valorizados na sociedade.

As relações humanas são transitórias e carecem de fundamentos sólidos. Da mesma forma que as pessoas se conectam rapidamente e trocam informações entre si, elas igualmente se desconectam e “bloqueiam” umas às outras. As ligações humanas não são mais sólidas e permanentes, mas fugazes e superficiais; por isso, Bauman (2011) usa a palavra “líquida”, para adjetivar a sociedade moderna. Para ele, as redes sociais promovem a identidade com determinados objetos valorizados e exaltados, ao redor dos quais milhares de seguidores e ávidos consumidores estão reunidos. Entretanto, como são efêmeros, esses objetos tão desejados e amados podem perder repentinamente seu valor, fomentando discontinuidades e desinteresses nos elos humanos.

Em uma entrevista na qual apresenta uma reflexão sobre as identidades, Bauman (2011) afirma que nós não herdamos uma identidade; nós a

criamos por nós mesmos e a redefinimos durante toda a nossa vida. Em outras palavras, há necessidade de escolhermos nosso estilo de vida, o que é bom ou ruim para nós. A forma da nossa vida muda muitas vezes, ou seja, a construção da identidade é um processo sem fim, de caráter não definitivo, passível de experimentação e de mudanças. Mudamos e somos mudados, o que significa dizer que nossa identidade é continuamente reconstruída ao longo da vida.

No decurso da nossa existência, verificamos mudanças em nós mesmos, tanto físicas como psíquicas; alteramos nossa visão sobre o mundo, sobre a sociedade e sobre os objetos, isto é, nossa identidade vai sofrendo transformações e evoluções, às quais chamamos de maturidade. É com ela que substituímos nossos olhares, nossas percepções e nossas ideias a respeito das coisas, das pessoas e do mundo.

No livro publicado no Brasil *Formação humana e capacitação*, Humberto Maturana e Sima Nisis de Rezepka (2003) consideram que a identidade não é uma propriedade fixa, porém, uma maneira nas relações de viver, conservada no convívio com os demais seres humanos. Dessa forma, concordamos com o seguinte pensamento dos autores: deparamo-nos constantemente com novas ideias e com novos pensamentos, com os quais nem sempre concordamos, tampouco avançamos. Colocamo-nos perante modos diferentes de os outros verem as coisas, as pessoas e o mundo.

Os autores defendem que “[...] quem busca a sua identidade fora de si está condenado a viver na ausência de si mesmo, movido pelas opiniões e desejos dos demais” (MATURANA; REZEPKA, 2003, p. 10). Eles mencionam uma identidade sistêmica que existe em um conjunto de elementos. Essa identidade se altera conforme as modificações no sistema.

Mikhail Bakhtin [Volochínov] (2014), ao expor sua concepção acerca da constituição da pessoa humana, afirma que o “eu” se constitui a partir do outro. Nós vemos o outro, contudo, não nos vemos; não vemos a nossa própria expressão, a nossa própria imagem. Vemos a expressão do outro, mas não enxergamos a nossa. O outro vê a minha imagem e eu vejo a dele; é uma troca contínua, mediante a qual eu me constituo. Eu me igualo e me diferencio por meio das comparações que faço na dialogia com o outro, nas semelhanças e nas diferenças em relação ao outro. Na mesma direção Bauman (2011) assevera que essa constituição é única e singular, todavia,

são milhares as possibilidades de cada ser – que não se repete em outro ser humano, constituir-se.

Silva (2000), ao tratar da identidade, coloca-a lado a lado com a diferença, pontuando que ambas andam juntas, em estreita dependência e em relações recíprocas. As pessoas se aproximam pela identidade comum em face de algo, ou seja, alguma coisa identifica aqueles que pensam, que sentem e que veem as coisas de uma mesma perspectiva. Da mesma forma, a diferença separa as ideias, as opiniões e os sentimentos em relação às coisas, ao mundo e ao ser humano. Desse modo, a identidade e a diferença se conectam em dualidade de tensão; não são livres ou de fácil coexistência. Tanto a identidade quanto a diferença nos são impostas. Há, portanto, duas possibilidades aos sujeitos: a identificação ou a não identificação; por isso, a diferença. Entre elas, veem-se constantes assimetrias, pois não convivem em harmonia; são disputadas nos campos social, linguístico e cultural.

Mantendo-se nessa linha de pensamento, Silva (2000) defende que a identidade e a diferença são produtos do social e da cultura, quer dizer, ambas não são naturais e não existem por estarem prontas e por serem nativas do mundo material. Como já destacado, formam-se social, linguística e culturalmente nas relações humanas. Nas palavras do autor, “[...] a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.” (SILVA, 2000, p. 4).

Outro aspecto apresentado por Silva (2000) quanto à identidade diz respeito à composição do que incluímos e do que excluímos no processo de constituição da nossa identidade. Quando dizemos o que somos, dialeticamente, dizemos o que não somos. Por exemplo, ao afirmar que sou brasileiro, estou também afirmando que não sou alemão, não sou africano etc. Constituímo-nos nessa ou naquela identidade, mediante a negação de aspectos que não fazem parte da nossa identidade, isto é, daquilo que incluímos ou que excluímos. Nesse sentido, surgem os diferentes grupos sociais, linguísticos e culturais, os quais se organizam e se afinam de acordo com suas identidades e com suas diferenças. Segundo Silva (2000, p. 1), “[...] a identidade reflete a tendência de tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos e avaliamos aquilo que não somos.”.

É relevante reiterar que muitas vezes, nesses grupos sociais, as identidades e as diferenças são algo tenso, já que se instauram na assimetria da sua

existência. Essas tensões podem ser observadas, por exemplo, em movimentos sociais em favor de grupos minoritários que militam para se firmarem e serem respeitados social e politicamente.

A reflexão sobre a constituição da identidade dos diferentes sujeitos forneceu as bases para discutirmos a identidade de um grupo minoritário – os Codas filhos ouvintes de pais surdos, usuários da língua de sinais.

2. O papel da língua de sinais na constituição das identidades dos Codas

Utilizaremos como fontes para nosso trabalho, depoimentos de Codas, entre os quais destacamos os seguintes: Preston (1994), Napier (2008), Souza (2014) e Quadros (2017).

Podemos afirmar que uma língua não advém de um contexto que não seja cultural. A formação de sujeitos bilíngues, na qual a materialização das línguas se realiza na modalidade auditivo-verbal, a exemplo do uso de duas línguas orais – inglês e português – aproxima-se da formação bilíngue dos Codas.

Assim posto, autores como Riesta (2018), apoiados nos postulados de Bakhtin [Volochínov] (2014), permitem compreender a linguagem e a cultura como traços constitutivos da consciência humana. Ao discorrer sobre a apropriação da língua materna, Riestra (2018) sustenta que crianças que têm contato com mais de uma língua terão, elas mesmas, a possibilidade de decisão sobre a sua primeira língua. Em outras palavras, nas situações de apropriação da língua materna na tenra infância, o bebê será capturado pelas relações dialógicas na língua dos seus pais que, de forma positiva, nas interações com a língua falada ou sinalizada, cativarão e estimularão o bebê na aquisição de duas ou mais línguas, possibilitando-lhe vivências na condição de sujeito bilíngue e bicultural.

Ao se referir ao processo de constituição da linguagem de filhos ouvintes de pais surdos, é importante mencionar que os Codas, em geral, se formam pela mesma língua dos seus pais surdos – a língua de sinais, pois ela ocorre em um ambiente prazeroso, harmonioso, familiar, ou seja, em casa. As emoções são estimuladas por sentidos que fazem aflorar as interações entre pais e filhos. As interações entre os pais surdos e os filhos ouvintes são feitas por meio da língua comum a todos, quer dizer, pela língua de sinais, a língua nativa dos Codas.

De acordo com os estudos de Bakhtin [Volochínov] (2014, p. 104), “[a] palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério”. Assim, podemos enfatizar que, para crianças ouvintes que convivem com pais surdos, a língua de sinais é a comunicação que funciona, sem erros ou preconceitos, pois é a língua comum a todos no espaço familiar.

Ainda mediante estudos de Bakhtin [Volochínov] (2014), podemos afirmar que a língua e a cultura estão social e intrinsecamente imbricadas, por isso, não podemos analisá-las separadamente. Elas se relacionam mutuamente pela dialogia, na medida em que refletem e refratam o homem e seus processos sociais. Nessa concepção, a língua não é um sistema fixo; ela se apresenta como uma corrente ininterruptamente em desenvolvimento, caracterizando-se como um “[...] processo contínuo de transformação linguística” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 94), isto é, com mudanças a cada instante, a língua muda conforme o tempo. Ela só existe dentro da ideologia e tem sentido vivencial, posto que representa prática concreta e faz parte da vida das pessoas. Não são as regras e os princípios formais e frios que despertam a consciência da linguagem e da fala em nós. “É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 99).

Por isso, a defesa da cultura e da língua como processos indissociáveis entre si implica tomar a primeira como evento sistemático (BAKHTIN, 2010, p. 31), cuja concretude se situa

[...] sobre fronteiras, fronteiras que passam por todo lugar, através de cada momento seu, e a unidade sistemática da cultura se estende aos átomos da vida cultural, como o sol se reflete em cada gota. Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído de fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre. [...] É somente nessa sua sistematização concreta, ou seja, no relacionamento e na orientação direta para a unidade de cultura que o fenômeno deixa de ser um mero fato, simplesmente existente, adquire significação, sentido, transforma-se como que numa mônada que reflete tudo em si e que está refletida em tudo. (BAKHTIN, 2010, p. 29).

Concordamos com a perspectiva defendida por Bakhtin (2010) de que a constituição do sujeito é perpassada pela relação entre a língua do outro e a

sua própria língua, mediada pela concretude da sua realização na fronteira cultural, cuja significação se explicita. O fenômeno cultural adquire sentido e se torna cultura com as fronteiras dos enunciados concretos, dos valores sociais e dos sentidos. Nos detalhes, a cultura se coloca e se solidifica.

O livro *Hearing, mother father deaf: hearing people in deaf families* (BISHOP; HICKS, 2008) permite revisitar a compreensão sobre a língua e sobre a cultura na constituição de sujeitos Coda que foram capazes de enunciar aspectos sobre sua constituição como bilíngues bimodais ao se situarem na fronteira de experiências culturais e linguísticas de pertencimento a dois universos diferentes – o mundo de surdos e o mundo de ouvintes.

A esse respeito, Preston (1994) – Coda estadunidense de grande prestígio – relata que na sua primeira infância teve dificuldades para saber se era surdo ou ouvinte, pois, nas relações com seus amigos ouvintes, estes atestavam que ele era ouvinte. Todavia, em situações dialógicas em casa, seus pais diziam que ele era surdo. Tal situação o deixava inseguro, sem que pudesse reafirmar-se como o enxergavam – surdo ou ouvinte.

Na fase adulta, Preston (1994) salienta que sua identidade não se caracteriza apenas pelo domínio da língua gesto-visual, mas pela cultura da comunidade de surdos usuária dessa modalidade linguística. Essas duas línguas fazem parte da sua construção como pessoa bilíngue. Ele acrescenta:

A cultura surda é conhecida por um entendimento de “cultura” que inclui quatro componentes: (1) um sistema de compartilhar ideias e comportamentos, (2) que são distintos, (3) que são aprendidos, e (4) que fornecem um modelo para interação pessoal e social. A cultura explica e restringe como as coisas são conhecidas, afetando tanto os domínios práticos quanto os simbólicos.⁴ (PRESTON, 1994, p. 14, tradução nossa).

De modo semelhante, o autor comenta que “[...] a identidade cultural é parte integrante da identidade geral, que inclui expressões públicas e noções particulares de si” (PRESTON, 1994, p. 209, tradução nossa)⁵. Identidade geral diz respeito a ser um Coda, ou seja, um sujeito que foi bilíngue desde bebê até quando saiu da casa dos seus pais. Os Coda têm uma especificidade, como já

⁴ “Deaf culture is informed by an understanding of ‘culture’ that includes four components: (1) a system of share ideas and behaviors, (2) which are distinct, (3) which are learned, e (4) which provide a template for personal and social interaction. Culture explains and restricts how things are known, affecting both practical and the symbolic realms.”

⁵ “Cultural identity is considered a special form of identity. Cultural identity is an integral part of overall identity, which includes public expressions as well as private notions of self.”

mencionado, no sentido de serem bilíngues de duas línguas com duas modalidades diferentes: a modalidade viso-espacial e a oral-auditiva.

Posto isso, reiteramos que a identidade está situada em uma matriz de compreensão dos conhecimentos humanos inter-relacionados, que usamos para falar sobre nós mesmos. Por conseguinte, se ela se forma mediante as apresentações públicas e interativas, isto é, pelas apresentações privadas e exclusivamente pessoais, “[a] identidade cultural é considerada uma forma especial de identidade: uma orientação subjetiva para o grupo cultural de cada um” (PRESTON, 1994, p. 208).

A esse respeito ainda, Preston (1994, p. 20) afirma que os filhos ouvintes de pais surdos perderam parte da sua infância por não terem referência para as suas experiências de vida diferentes, para poderem compará-las com os demais amigos de pais ouvintes. O mesmo autor comenta que alguns Codas foram incapazes de traçar esse paralelo “fazendo as adaptações necessárias dos estereótipos da cultura dominante para as especificidades das suas próprias vidas⁶”.

Essa revelação retrata, significativamente, a constituição do Coda, cuja identidade é formada desde cedo com responsabilidades e tarefas que fogem ao padrão da grande maioria das crianças.

Para contribuir com essa discussão, apresentamos reflexões de Quadros (2017), uma respeitada Coda brasileira. Ela afirma que as línguas de sinais e a Língua Portuguesa desempenham um papel central na constituição das identidades dos Codas. E acrescenta:

Quando os filhos ouvintes de pais surdos se identificaram como Codas, há o reconhecimento de uma identidade híbrida que fortaleceu os laços dos filhos com seus pais e estabeleceu uma relação de pertencimento com a comunidade surda. (QUADROS, 2017, p. 227).

A autora usa o termo *língua de herança*⁷ para se referir ao legado linguístico que os pais surdos passam a seus filhos ouvintes, de forma natural. A língua de herança é uma língua da minoria linguística, diferente da maioria linguística numa sociedade. Por isso, as ideias de legado, herança e singularidade; se refere também às línguas usadas por imigrantes e por povos indígenas.

⁶ “They were unable to see the parallels, to make the necessary translation from the prevailing cultural stereotypes to the specifics of their own lives” (PRESTON, 1994, p. 20).

⁷ Língua de herança, segundo Quadros (2017, p.7), é o legado da língua de sinais e da cultura surda, que os pais surdos passam para os Codas, cuja língua e cultura os constituem.

Esses são minoria num país onde a língua da maioria é diferente. Destacamos que se trata da herança mais preciosa que os filhos podem receber de seus pais.

Neste sentido, a concepção de língua de herança também é defendida por Mather e Andrews (2008, p. 233) quando se referem a crianças Codas, ou conforme o termo grafado, Kodas⁸, afirmando que eles são tipicamente bilíngues, bimodais e biculturais, pois, os pais dividem a sua herança linguísticas e cultural com seus filhos⁹. O termo bilíngue é em relação à duas línguas. Bimodais, no que se refere à duas línguas de modalidades diferentes, sendo que a língua de sinais é, segundo a linguística, concebida na modalidade visual-espacial, enquanto a língua oral é na modalidade oral-auditiva. Biculturais diz respeito à cultura das pessoas surdas que usam a língua de sinais e à cultura da sociedade ouvinte, que usa a língua oral. Cada língua proporciona uma visão diferente das coisas, do mundo.

Pela característica linguística única em que os Codas se encontram, num ambiente natural, em que os olhos recebem expressivo *input* visual de língua, e onde também pode haver sons de falas de pessoas ouvintes próximas, rádio e televisão, talvez seja aqui a característica mais marcante da constituição singular dos Codas, qual seja, uma experiência constante em duas línguas, duas culturas, duas formas de ser e de ver o mundo.

Alguns Codas aprendem a língua de sinais quase que concomitante com a língua falada, entretanto, para a maioria, a língua de sinais vem antes da língua oral. Desta forma, a língua de sinais se constitui em sua língua materna, mas enquanto crescem as duas línguas são incorporadas e usadas naturalmente.

Preston (1994, p. 209) explica que, “[...] ao explorar a essência de quem somos, devemos considerar não apenas a natureza relativa da identidade, mas também por que sua própria conceitualização tomou a forma particular que ela possui.”¹⁰ Em outras palavras, pelo fato de os Codas fazerem uso da língua de sinais e se identificarem com a cultura das comunidades surdas, quando adultos a maioria ressalta que optou por trabalhar com crianças, com adultos surdos ou como intérpretes. Também dizem ter optado pela atuação como professores,

⁸ Kodas grafado com ‘K’ pela literatura especializada que significa Kids Of Deaf Parents, ou ainda, Kids of Deaf Adults, para crianças de até 18 anos. Depois dessa idade, é usado o termo Codas.

⁹ Susan M. Mather e Jean F. Andrews (2008, p. 233): “Kodas typically are bimodal, bicultural, and bilingual. Although they do not share their parents’ hearing loss, they do share their linguistic and cultural heritage”.

¹⁰ No original, lê-se: “In exploring the essence of who we are, we must consider not only the relative nature of identity but why it’s very conceptualization has taken the particular form it has”.

como conselheiros psicólogos, como fonoaudiólogos, como ministros religiosos etc. Por outro lado, boa parte dos clientes desses profissionais Codas são surdos que se identificam com os Codas, com quem mantêm interações culturais em língua de sinais.

Napier (2008), pesquisadora e professora Coda, assume-se com uma forte carga identitária Coda. Ela revela aspectos da formação da sua identidade, comentando sobre sua primeira infância, vivida na casa dos e com seus pais surdos, e sobre sua vida em família. Ela cresceu aprendendo a Língua de Sinais Britânica (BSL), inglês oral; mais tarde, ainda aprendeu a Língua de Sinais Australiana (AUSLAN) e a Língua de Sinais Americana (ASL).

No contexto familiar e educacional, menciona não ter tido crescimento igual aos demais Codas. Explica que a diferença que possui em relação aos demais Codas se deve ao seu conhecimento e à sua fluência em várias línguas de sinais e pelo domínio de línguas orais. Demonstra consciência de quem é e das oportunidades que teve, desde criança, quando seus pais a estimulavam e a levavam para conhecer muitas coisas do mundo (surdo e ouvinte) onde viviam.

Napier (2008) se considera uma intérprete poliglota pertencente à comunidade surda. A condição de poliglota se relaciona à sua participação como integrante ativa nessa comunidade, e assim se posiciona. Mesmo ouvinte, ela se sente mais próxima à cultura surda¹¹, definindo-se como uma pessoa multilíngua e multicultural (NAPIER 2008, p. 230):

Eu gostaria de ser identificada pelo que constitui a minha individualidade, minha identidade pessoal e minha subjetividade – minha *ipseidade*. *Seidade* é definido como “aquilo que constitui o eu, individualidade” (Wikipédia, 2006), e eu consideraria ter identidades diferentes, dependendo do contexto em que estou.¹²

Para avançarmos na compreensão dos processos constitutivos identitários dos Codas, recorreremos a Bakhtin (2010), que sustenta que todos somos únicos, e que essa unicidade está em cada um, a partir do outro – que se dá *na* e *pela* alteridade. Não existimos, tampouco nas falas e nas enunciações se não aceitarmos que a nossa existência se dá pelo *hápax*, cuja ocorrência acontece

¹¹ Segundo Strobel (2008 p. 24), Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, para torná-lo acessível e habitável, ajustando-o às suas percepções visuais, as quais contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas.

¹² “I would like to be identified by what constitutes my selfhood, my personal identity, and my individuality—my *ipseity*. *Seity* is defined as that which constitutes the self, selfhood’ (Wikipedia, 2006), and I would consider myself to have different identities, depending on the context I am in”.

uma única vez, em determinado contexto existencial. Na verdade, a formação identitária ocorre a partir do reconhecimento das diferenças que nos constituem como singulares (BOENO, 2010):

Há diversos autores que me são queridos (começando com Pedro Hispano, além de Bakhtin, Kierkegaard, Marx, Giuseppe Semerari, Rossi-Landi, Blanchot, Barthes, Kristeva, Deleuze, Verdiglione...), diversos tanto no sentido de que são muitos, quanto no sentido de que são diferentes entre eles. Mas todos eles têm em comum a ideia de que é na relação com o outro que se decide o nosso próprio destino, que sem o outro não vamos a lugar nenhum, e a ideia de que contra, em conflito com o outro, presos em nossa própria identidade, morremos e a própria vida, se assim a podemos chamar, rapidamente se enfraquece, se esclerosa e seca.

Ancorados nessa perspectiva, podemos assegurar que nos constituímos a partir do outro, pelo outro, com o outro, o que também é verdadeiro em relação à constituição do outro. Nós participamos da constituição do outro, pelo outro e com o outro; a relação entre os olhares e a dialogia entre os pares humanos nos constitui. Não há possibilidades de sermos alguém – um ente, um ser pensante – sem o outro (BAKHTIN, 2010).

Retomando o depoimento da Coda Jemina Napier, que atua como intérprete e como professora da Universidade de Edinburgo, na Inglaterra, encontramos a seguinte afirmação: “Sou bilíngue balanceada” (NAPIER, 2008, p. 220), já que sendo fluente em BSL¹³ e no inglês oral desde a infância, considera-se nativa nas duas línguas. Seu irmão mais novo, ouvinte, também usa a Língua de Sinais Britânica; seus pais usavam toda forma de comunicação com ela, desde a leitura labial, o alfabeto manual, os gestos e as demais possibilidades, ou seja, tanto Jemina como seu irmão foram expostos à língua oral com sinalização que, no Reino Unido, é conhecida como Sinais com Apoio do Inglês (SSE)¹⁴, quer dizer, um sistema que mistura os sinais e a língua inglesa.

Como desde muito cedo ela recebeu estímulos da LSB e do inglês oral, não considera que uma das línguas seja a sua primeira, mas ambas. Quando, porém, ela fala de sentimentos e de assuntos mais pessoais, prefere fazê-lo por meio da língua de sinais. Quando trata de assuntos nas áreas da política e da linguística, bem como de assuntos profissionais, prefere utilizar a língua oral. Eis seus argumentos:

¹³ BSL – Língua de Sinais Britânica.

¹⁴ *Signed Supported English*.

Eu cresci como um membro da comunidade surda, aculturada ao estilo de vida surda, e sou uma pessoa cuja primeira (e, às vezes, preferida) língua é uma língua sinalizada. Quando estou com pessoas surdas, eu me comporto como elas, uso a linguagem que elas fazem e compartilho suas crenças.¹⁵ (NAPIER, 2008, p. 228).

Por diversas vezes, a Coda britânica diz que é parte da comunidade surda e que se sente bem na cultura que a constitui. Ela afirma sentir-se confortável na língua de sinais e na cultura surda, interagindo como os surdos. Por isso, ela se define como poliglota e multicultural (NAPIER, 2008, p. 221). A explicação para essa definição vem dos seus estudos escolares nas línguas francesa e espanhola, além de ter adquirido a AUSLAN¹⁶ e as diferentes formas do inglês da Austrália, por ter morado durante alguns anos nesse país. Também conhece a ASL¹⁷, mas com limites. Nesse sentido, podemos observar que as diferentes línguas de sinais e as línguas orais, assim como suas respectivas culturas, constituíram Jemina como a pessoa que é.

A esse respeito, Souza (2014) se intitula pertencente às comunidades surdas e ouvintes (SOUZA, 2014, p. 48), ressaltando sua condição bilíngue e bicultural. Como ouvinte, manifesta-se como integrante do grupo majoritário, que usa a língua oral, e como surda, utiliza a língua de sinais e transita na cultura desse grupo. Ser Coda é se sentir como o “[...] encontro das águas do rio Negro com as do rio Solimões, na Amazônia brasileira” (SOUZA, 2014, p. 61). Em outros termos, a vida se apresenta para ela em constante mudança, da mesma forma que os elementos culturais permitem a constituição de sujeito únicos, cujas próprias experiências podem gerar novas produções culturais, a exemplo de como se misturam as águas dos rios, com suas características que se integram, aos poucos, um ao outro.

Sob o ponto de vista enunciado por Souza (2014), é possível afirmar que cada pessoa é singular e exclusiva, e que as possibilidades de se constituírem Coda decorrem de suas manifestações bilíngues/biculturais, multilíngues/multiculturais e/ou quantos forem outros modos de se relacionarem em sociedade. Nada está estagnado e fixo. Os inúmeros elementos que compõem as identidades dos sujeitos são, portanto, únicos, e no caso dos Coda não é diferente.

¹⁵ No original, podemos ler: “*I grew up as a member of the deaf community, enculturated to the deaf way of life, and I am a person whose first (and sometimes preferred) language is a signed language. When I am with deaf people, I behave as they do, use the language they do, and share their beliefs.*”.

¹⁶ Língua de Sinais da Austrália.

¹⁷ Língua de Sinais Americana.

Por muito tempo, a literatura da área reforçou a compreensão da essência da identidade dos Cotas por aspectos de oposições binárias – demarcados por artefatos das vivências culturais e linguísticas dos surdos *versus* as dos ouvintes (STROBEL, 2008; KARNOPP; KLEIN; LAZZARIN, 2011; QUADROS, 2017). Diferentemente desse modo de conceber a constituição da identidade, recorremos a AUTORES (2018, p. 343), para afirmar que

[...] o descortinamento do olhar para enxergar o outro sem a pretensão de moldá-lo a partir do eu atravessa a fronteira que nos encerra, permitindo-nos admitir que somos seres inacabados e, portanto, livres para experienciar novas perspectivas e possibilidades, entre as quais a língua do outro e tudo que ela carrega e provoca em nós.

É razoável admitir que nossa identidade é formada pela identidade do outro, assim como a do outro é constituída pela nossa (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). É na fronteira das interações dialógicas *pelos* e *nas* línguas que as normas e regras de convivência social, cultural e linguística se caracterizam por toda a vida, permitindo ou não aos Cotas experimentar e viver estados de pertencimento, ora à cultura surda¹⁸, ora à cultura ouvinte, ou – como demonstrado no texto, em ambos os casos e em outros possíveis. É somente nessa perspectiva que os sujeitos se identificam e se sentem pertencentes a grupos sociais em uma ou mais línguas, estando imersos nas relações de apropriação dos conhecimentos objetivados pelos instrumentos produzidos culturalmente.

Considerações finais

O texto procurou traçar reflexões sobre o processo de constituição da identidade dos Cotas como sujeitos bilíngues. A partir da revisão da literatura da área e de textos escritos pelos próprios Cotas, o presente artigo compartilha enunciados sob os quais falam de si, como se veem, como se constituem e como compreendem a tessitura da constituição da sua existência, dando vida e contornos aos fundamentos etimológicos adotados.

Por sua vez, esclarece que os Cotas crescem no meio de sua família com duas línguas de modalidades diferentes. Enquanto crescem, eles se

¹⁸ Cultura Surda é entendida aqui “[...] como espaço de contestação e de constituições de identidade e diferenças que determinam a vida de indivíduos e populações.” (KARNOPP; KLEIN; LAZZARIN, 2011, p. 18).

constituem bilíngues e biculturais, sem ter a opção de escolher uma única língua a que estejam expostos, cotidianamente, mas adotando duas línguas pelo menos, a depender do caso.

Em relação a discussões que conferem aos Cotas serem herdeiros da língua dos pais – a de sinais –, reafirmamos que esse processo não ocorre por transmissão de uma língua de uma geração a outra, porém, pela apropriação dessa que se vincula à participação daqueles que estão imersos nos processos interacionais e dialógicos explícitos. Acrescenta-se a esse respeito a importância de considerarmos aspectos culturais e da visão de mundo dos que constituem ou interagem com os surdos – à baila da essência das múltiplas identidades que se conformam nesse processo.

Tanto os Cotas brasileiros como os estrangeiros apresentam semelhanças nos relatos que conferem a percepção sobre sua constituição identitária enquanto sujeitos bilíngues – com manifestações singulares da sua existência do ser “surdo” e/ou “ouvinte”. Destarte, as ponderações e afirmativas tecidas ao longo do texto permitem concluir que todos são constituídos nas relações dialógicas em interação com outro. Cada novo encontro com outro ser promove trocas, motiva interações, possibilita a dialogia que constrói a identidade dos sujeitos (BAKHTIN, 2010). Isso significa que todos nós nos constituímos a partir do outro e com o outro; já o outro se constitui a partir de nós, do nosso olhar e das nossas relações com ele. É na dialogia entre os pares que nos constituímos e constituímos o outro, ou seja, cada um tem sua parcela de responsabilidade na constituição do outro – pela alteridade. Nessa perspectiva, é notório admitir que não estamos prontos/acabados, e que até o fim das nossas vidas teremos possibilidade de nos sentirmos em cada tempo e espaço, no alibi de existir, com as nossas múltiplas identidades.

REFERÊNCIAS

AUTORES. *Educação bilíngue em Libras e língua portuguesa: para que e para quem?* Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. In: *Anais VII CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana: fronteiras*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 332-343.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. *Fronteiras do pensamento*. 2011. (30m25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

BAUMAN, Z. In: REGIS, L. *Revista Ambivalências*, Sergipe, v. 3, n. 5, p. 290-295, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/Ambivalencias/article/view/3932/3295>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

BISHOP, M.; HICKS, S. (Ed.). *Hearing, mother father deaf: hearing people in deaf families*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008.

BOENO, N. S. Augusto Ponzio: como falar às palavras. *Polifonia*, Cuiabá, v. 20, n. 27, p. 355-387, 2013. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1459/1125>>; Acesso em: 20 jan. 2020.

GERALDI, J. W. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João, 2015.

KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LAZZARIN, M. L. L. (Org.). *Cultura surda na contemporaneidade*. Negociações, intercorrências e provocações. Canoas: ULBRA, 2011.

MATURANA, H. R.; REZEPKA, S. N. de. *Formação humana e capacitação*. Tradução de Jaime A. Clasen. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAPIER, J. Coda Identity and Experience. In: Michele Bishop e Sherry L. Hicks (Ed), *Hearing, Mother Father Deaf: Hearing People in Deaf Families*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2008.

PRESTON, P. *Mother Father Deaf*. Living between sound and silence. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

QUADROS, R. M. de. *Língua de herança*. Porto Alegre: Pensa, 2017.

RIESTRA, D. Professora da Universidad Nacional de Rio Negro, Argentina, convidada para o curso na pós-graduação UNESP/Marília, maio de 2018. Apontamentos de sala de aula. Registros pessoais do autor.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOUZA, J. C. F. *Intérpretes Codas: construção de identidades*. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/136479/336246.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

YVGOSTKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.